

D O S S I Ê
HAROLD O
MARANHÃO

ORGANIZAÇÃO Mayara Ribeiro Guimarães & Age de Carvalho

MAYARA RIBEIRO GUIMARÃES

Um dossiê inconfidencial



EDIÇÃO 53 DA REVISTA MOARA, dedicada ao escri-

tor paraense Haroldo Maranhão, apresenta este dossiê especial, organizado por mim e Age de Carvalho, que, acreditamos, vem em boa hora, embora todas as homenagens prestadas ao mais importante escritor paraense do último século tenham chegado tardiamente — isto é, após a sua morte.

Este dossiê traz uma grande sensação editorial e um Haroldo no melhor de seu estilo e vigor criativo: trata-se do conto “Viagem do Poeta Max Martins”, escrito em 1982 e jamais publicado, vindo à lume agora pela primeira vez, quinze anos após o desaparecimento do autor. Apenas três pessoas tiveram acesso à cópias do original datiloscrito, distribuídas pelo próprio Haroldo: Max Martins, Benedito Nunes e Age de Carvalho. A curiosíssima e hilariante história em torno do nascimento desse conto é relatada pelo próprio Age no breve depoimento “Sobre o conto inédito ‘Viagem do poeta Max Martins’”, disponível aqui neste dossiê.

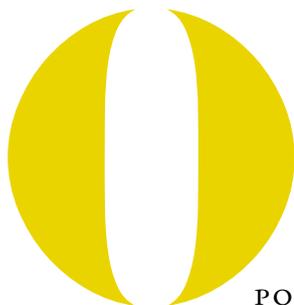
Parte dele é composta também por uma coletânea de fotografias inéditas, gentilmente cedidas por Haroldo Paulo de Souza Maranhão, herdeiro do escritor. O dossiê conta ainda com um inventário de seu espólio, com uma descrição dos itens pertencentes ao acervo particular e agora posto à venda. Nele encontram-se os originais corrigidos de *O Tetranelo Del-Rei*, *Cabelos no Coração*, *Querido Ivan* e *Memorial do Fim*, vasto material fotográfico, além de documentos e objetos pessoais de HM.

Um dossiê inconfidencial: aqui, pela primeira vez, material literário inédito, fotografias jamais publicadas e informações de bastidores povoam as páginas que se seguem.

Para finalizar, há uma bibliografia completa do escritor, autor de contos, romances, diário, correspondência, livros infanto-juvenis, novela e até de um dicionário de futebol. Sua obra, pouco conhecida fora dos limites da região Norte, e com muito material ainda não publicado, é merecedora de uma reedição a altura de seu nome e seu inestimável legado.

HAROLDO MARANHÃO

Viagem do Poeta Max Martins



POETA MAX MARTINS escreve-me e não quis revelar-me que morreu. Por que, não sei, que sempre fomos amigos, suponho merecer que dissesse: “morri, foi assim:” Mas negaceia, ilude-se mais do que a mim, que logo vislumbrei o corpo estirado na estrada, sujo o *jeans* da caspa dos pneus e do óleo largado pelos transportes pesados.

Ora, de doudos ninguém escapa. Bem, não sei, acredito que não se escapa, doudos são doudos, usam faca, bala, cacete, murro, golpe de arte marcial. Sei, sei, o Poeta Max Martins escapou, antes, de atentado que o derradeiro seria. Contista que por Simão¹ acode despejou sua fúria toda numa carta, e se invés de carta, de cara enfrentasse o poeta, adeus, poeta!, que Simão é robusto e monomaníaco: encasquetou de ser autor de letras imprimidas, e quem não aplaudir seus versos, suas narrativas — ele mata! Nessa tarde, o intento de Simão seria agarrar pela gorja o Poeta Max Martins, mas estava febril e de colhões inflamados, o que lhe dificultava o mover-se ao menos de aposento a outro. Sair à rua, embarcar em ônibus, descer em São Brás?² Impossível a punitiva viagem. Então, tirou da gaveta não a mauser, mas uma folha de papel e escreveu a sua raiva, e quando o destinatário rasgou o envelope sentiu liberar-se o bafio mesmo da morte, que a morte a carta aprisionava. Doudos são assim, os mansos inclusos, que esses sorrindo matam e dando satisfações para o alto, elevando os olhos doces, levantam-se, vão embora, deixam jazido o cadáver, e geralmente dormem sonho sem nenhum sobressalto. Acordam no dia seguinte e não se lembram, mesmo lendo os jornais: “quem terá sido?”, eles indagam-se, bem, alguns, que doudos de ordinário não leem jornais,

1 — Trata-se de Simão Bitar, escritor paraense, que confiou a Max originais de poemas seus para que este os julgasse e desse-lhe parecer. Como Max tivesse se manifestado criticamente e aconselhado rigorosa revisão do material, Simão reagiu mal, escrevendo-lhe carta altamente ofensiva e ameaçadora.

2 — Max residiu desde o início dos anos 1950 no bairro de São Brás, em Belém.

preferindo a tevê, que não suja os dedos da tinta que jornais largam, desagradabilíssimo.

De madrugada, o ônibus rolando na pista em ultrassônica velocidade, o Poeta Max Martins despertou no momento em que premia um par de coxas num apartamento com vista para o mar na Rua Prudente de Moraes, na cidade do Rio de Janeiro³, e por isso sorria embevecidíssimo, com aquele afagar moroso que promovia, tendo tido antes o cuidado de apagar as luzes do aposento, para que não fosse objeto de eventual debique da parceira, ao deparar esta o abdômen que se abaúla pelo consumo de chopes e de cerpas. Despertou com insistente bater na omoplata:

— Por que vocês estão dizendo aí que eu estou fedendo?

O poeta, retirado assim da amorável bolinação com o mar à vista, pensou que o desconhecido imaginava houvesse afirmado estar ele fodendo! Sem entender o que se passava, para si mesmo falou: “Fodendo? Eu disse que esse cara está fodendo?” Chegou a suspeitar que sonhasse sonho diverso, mas de novo o cutucava o passageiro à retaguarda:

— Eu não fedo, viu? Tomo banho. Todos os dias. Não sou hidrófobo.

Hidrófobo! Insólita pareceu ao poeta a palavra, na corrida tresloucada em que ia a nave. A palavra feria, e feriu o Poeta Max Martins, aturdido com a abordagem disparatada de um tipo às costas, não imaginando quem fosse, o que desejava, como seria, um lutador de caratê?, mamífero de porte avantajado, montanha de cartilagem pétreia, armado de clavas de ossos que fraturam como barras de ferro? Foi no que pensou, sem querer voltar-se, que a bordo da aeronave as luzes mantinham-se apagadas. Mesmo não sendo de força incomum e inda que apoucado de estatura, o sujeito, de onde estava, fácil poderia aplicar a mão sobre a boca e o nariz do poeta Max Martins, e atrair-lhe ríspidamente a cabeça contra o encosto da poltrona. Pronto. Em minuto, ou menos, mortíssimo estaria o grão poeta, que curto é seu fôlego, bastante diminuído nestes últimos tempos pela ingestão compulsiva do tabaco, o que lhe enfraquece a capacidade dos pulmões, cada dia mais desfalcado de sustância. Outros suportariam dois e até três minutos de asfixia, não o magro poeta, consumidor mensal de dezoito mil cruzeiros de cigarros tipo Virgínia, que dizem lavados, sim, lavados, mas a querosene, para mais depressa comburir-se o cartucho letal e propiciar, logo-logo, o próximo cigarro, a próxima carteira, o próximo pacote de dez maços, dito cartão, o próxi-

3 — Na verdade, endereço de Age de Carvalho no Rio, em 1982.

mo milheiro, o querosene, e os ingredientes mais, escarvando a esponja pulmonar, esburacando-a, ofendendo-a, como as escavadeiras metendo as pás de aço no solo, revolvendo-o para receber trabalhos engenheiros. A mão do Homem Que Não Fedia, em vinte segundos, não mais, faria e fez cessar o difícil respirar, o ofego do homem que constrói versos e a si mesmo destrói-se, destrói-se não, destruía-se.

— Eu fedo?, me responde: eu fedo? Tu estás sentindo cheiro ruim saído de mim?

O poeta por essa forma acordado, quando dormiam todos, menos o aviador, que transformava o ônibus em foguete *Exocet*, rompendo o espaço e encurtando o trajeto que os levava à ex-cidade paraense de Belém, hoje cidade goiana, povoada de goianos e de escassos paraenses já, espécie em extinção, nem mais se encontrando aquela arquitetura que se chamou de raio-que-o-parta, de despertar nostalgias. E foi um bangalô de fachada de azulelos partidos, formando raios, que à frente do Poeta Max Martins naquele momento emergiu, inexplicada aparição. Quis achar-se numa casa assim, balançando-se em alvíssima rede, das contradanças em amorável chalé do Marahu, praia de silêncios grandes e isenta de gatunos. O que mais desejava o Poeta Max Martins, naquele minuto do diabo, era estar num bangalô de arquitetura belemense, que até poderiam rir-lhe do bangalô, fotografá-lo para álbum de peças *kitsch*, mijarem-lhe no jardim, que petúnias floresceriam belas ao mijo dos hepáticos. E as flores outras, se são róseas de natural, amarelas abrem-se estabelecendo um clima de pujante sol, no jardim, e raros sabem que se deve tudo ao mijar dos hepáticos.

— Não, meu caro: o senhor não fede. E mesmo que fedesse, iria eu dizer isso por quê?, e a quem, que todos dormem, roncam mais que os reatores — ponderou o poeta à voz e ao vulto da retaguarda.

— Mas vocês estão cochichando, estão cochichando: eu escuto muito bem. E é sobre o meu cheiro, sobre o mau cheiro que sai de mim.

O Poeta Max Martins lembrou-se das petúnias amarelas e do seu próprio débil mijar, jato tripartite no começo da ação mictória, mas em seguida geminando-se os três fios d'água numa emissão só, que embalde tenta sempre atingir o centro do vaso, mas o que consegue é ensopar a borda mais propínqua a si, conquanto para o alto pilote o tubo condutor, porém de resultados nenhuns. Com tristeza interessou-se o Poeta

Max Martins por divisar paisagem através da janela da espaçonave, mas só nuvens transitavam, pejudas de chuva e raios. Deteve-se na constatação de que o esguicho urinário perdeu a antiga firmeza e a contundência d'antanho, que parecia mais água explodida de mangueira dos bombeiros, capaz de fraturar, cegar, escarpelar de repelão uma pucela de brunos e encaracolados cabelos — fraca micção atribuível a processo inflamatório da próstata, o que torna a bexiga parcamente retentiva, que outrora galões retinha, dois, três galões de cerveja. Hoje não suporta meio copo de chope, peso no baixo-ventre logo lhe advém, induzindo-o ao banheiro, onde, felizmente sem testemunhas, devolve um gole, nada mais que uma gol-fada, de meia caneca do chope e pela forma dita, tripartido ou tricéfalo barbante líquido e amarelo-turvo, que encena um fio de vida mas falece.⁴

— Vocês estão dizendo aí que aqui atrás tem um gambá!

O Poeta Max Martins nessa altura largou um porra que se ouviu em Capitão Poço e rompeu o inconsútil véu da sua calma:

— Ó cara, que é que há? Dá uma olhada e vê o sujeito ao meu lado, que não sei quem é, há várias horas que não faz outra coisa senão roncar e peidar. Todo mundo ronca e peida nesta merda!

O outro voltou de mansa voz:

— Eu, não. eu não peido. Nunca na minha vida que peidei. Não tenho fedor algum. Tenho?

É afável o Poeta Max Martins, mas ocasiões há em que estoura:

— Olha, velho, mete isto na tua cabeça: estás muitíssimo enganado. Eu estava dormindo. O sujeito aqui ao meu lado continua a dormir, olha, todos neste avião dormem. Então com quem eu ia falar, porra?!, me diz, fala, me responde, com quem? Olha, vê lá se não me torra o saco!

Escalavrante falou o Poeta Max Martins, de pé, buscando o outro divisar, de indicador balançando no rumo do que lhe parecia ser o nariz do outro, se nariz tivesse, que pessoas há destituídas de nariz, outros de orelha, outros de parco queixo, dessa última redução padecendo um louvado e já morto boêmio de Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro, e um contraparente do curioso desembargador aposentado e creio que até falecido, que atendia por Hamilton, Ferreira, parece, e de Souza, com certeza. Vivia o poeta seu máximo emputecimento, procurando o adverso distinguir, porém cerrada era a penumbra que a todos liava. Na escuridão, duas luzes gêmeas rebrilhavam, e poderiam ser olhos de lobo faminto, de

4— Aqui HM inverte os papéis. Ver depoimento de Age de Carvalho ao final deste conto.

hiena acuada ou de um felino louco. O outro quietou, responder, nada respondeu, a maxeana reprimenda calado o botou, remédio de ação pronta. O sangue deve ter fugido do rosto indignado do Poeta Max Martins, palidez de cólera e não de medo, medo que, é bom sublinhar-se, deveria ter alimentado: defronte mesmo de um doudo! pois sei que sonha criar ainda miríades de poemas. Miríades! Por essa forma tiro o chapéu em sinal de reverência à memória de poeta obidense, Augusto ele chamava-se, e que consumia palavras gráceis assim, miríades de garças preguiçosas riscavam o ar mormacento, mormacento ainda, no fim da tarde de ásperos sóis. O silêncio reinstaurou-se na nave espacial, acionada por outro demente que afundava a sandália japonesa no acelerador, que não se sabe como não levantava voo na direção das estrelas, obus catapultado que rumava para o inferno sem escalas. O Poeta Max Martins consigo mesmo considerou: “O sacana dormiu.” De novo levantou-se, agora para pobremente mictar no quartinho da espaçonave, e pareceu-lhe que o adverso ressonava. “Filho de uma puta fedorento!”, olhou-o com rancor o Poeta Max Martins, ele próprio acabando por deixar vencer-se pelo cansaço, tresnoitado de idas frequentes a *pubs* londrinos, que de Londres procedia o Poeta Max Martins⁵. Podia ter preferido um *jet* da Scandinavian Airlines, e atravessado o oceano em horas agradabilíssimas, jantando salmão defumado com vinhos de tenra textura, e impossível não seria suceder-lhe por vizinha de poltrona uma inglesa carente de afetos eficazes, que se detivesse no rosto ósseo do poeta e entrevisse as caprinas aptidões sexuais do companheiro de viagem. E ela mesma, suspeitando por igual da timidez, travasse com ele conversa e ostentasse, nos ofegos das abas do nariz, o que essencialmente estava a reclamar, circunstância que não terá fugido à sensibilidade extrassensorial do Poeta Max Martins, que detecta lençóis de gozos e desejos, socados embora debaixo de camadas de solo rochoso, dono de faro atentíssimo. E após a ceia se metessem embaixo dos cobertores para, na penumbra que se faz nos salões aéreos ou venéreos ou veneaéreos, saírem a passeios no chão humoso das mais criativas libidinagens, a inglesa delindo de deleitações jamais por ela imaginadas, e a cujos cumes nunca supusera chegar, que o irlandês marido é frio como um arenque deixado para o desjejum do dia seguinte, monótono marido de monótono cardápio, em que o extrapassava o poeta brasileiro, de jato urinário modesto, é verdade, mas de imoderado apetite carnal, que logo a

5 — “*Pubs*” e “molho *curry*” (mais adiante) são referências veladas à um jantar num *pub* inglês de Ipanema, o “Lord Jim”, com as presenças de HM, Benedito Nunes, Max Martins, Age de Carvalho e Mônica Nicolau da Costa. Ver depoimento ao final deste conto.

aparelhagem se robusteceu, vultoso corpo assumindo, na expectativa de entestar difícil justa, que foi o pleno saciar de fome provinda dos tempos vitorianos, tempos de poluições de maus ejaculadores, que não era o caso do Poeta Max Martins, poeta mor e bandalho mor ainda.

Pelas 4h30m novamente despertou o Poeta Max Martins, de novo retirado às coxas da Prudente de Moraes, entre as quais agora se inseria conforme recomendam os mais acreditados manuais do Oriente, quer dizer-se, fazia sumir a própria grisalha cabeça, entrepernada de forma tal que não podia ele o mar contemplar e aspirar o vento espesso de sal. Porém melhores aromas aspirava, que o intimavam a velar as pálpebras para mais proveitosamente fruir o deleite especialíssimo, incopiado perfume, até hoje incopiado. Foi quando, à bruta, o Poeta Max Martins se viu na contingência de desertar a antecâmara real em que se ia, que movimentação estranha à retaguarda se passava, logo altivando as orelhas como os perdigueiros de mais sensível faro. Viu sem entender que o vizinho traseiro, correndo quase, atravessou o corredor do Boeing 707 enlouquecido, que a rompia o espaço à mercê de um piloto sem copiloto, que premia o acelerador com a face gasta da sandália japonesa, de sujos pés, sem engenheiro de bordo, sem radar, sem combustível bastante para pouso de emergência no aeroporto alternativo, que sobrevoava o 707 a cidade de Porangatu, ficção cartográfica, cocô de mosca nas cartas mais minudentes.

— Para! Para esta merda, para!

Era o Homem Que Não Fedia quem assim gritava para o comandante do jato, o intimativo brado operando o milagre de frear o gigante, marcando no asfalto borrões paralelos da borracha comburida. Pensou que ainda sonhasse quando escutou a acusação:

— É aquele sujeito ali. O da poltrona 17. Está botando balas no revólver para me matar.

O Poeta Max Martins os olhos piscava e os esfregava, beliscava-se, sem saber quem seria realmente, se o gambá, ou se o dono legítimo das coxas que se abriam como avenida cujas calçadas rumassem para um ponto axial: para receber a premiada cabeça, que tateava no corredor de sombra e alfombra. Logo perceberia que se tratava do gambá.

— Aquele, comandante: o da poltrona 17. Disse que eu fedo. EU NÃO FEDO. NÃO FEDO. Pare a merda deste navio!

O velho lobo-do-mar, capitão-de-longo-curso, acostumado às alucinações advindas da monotonia da viagem oceânica, fez as máquinas pararem. O Homem Que Não Fedia meteu a mão no portaló e desembarcou, correndo, sem olhar para trás, sumindo na noite. Nos seus calcanhares deixava um cadáver.

É o próprio Poeta Max Martins, ingênuo, como se acreditasse eu em petas, quem me informa em breve carta, mais bilhete, quase telegrama, que foi “Gambá” quem abriu a porta do avião, ele mesmo, e se atirou no mar ou se lançou no espaço, é possível que não sabendo do que escapava, se do homicídio que praticara ou se da ameaça de ser morto, suicida fugindo do homicídio silencioso, ou acreditando que o asfixiado aedo de repente ressuscitara e punha balas na mauser para vingar-se, o que seria alucinação, embora muito comum, pois sentira na palma da mão úmida o bafio último do Poeta Max Martins, bafio carregado da química corrosiva empregada na indústria tabaqueira. Depois se soube que o Homem Que Não Fedia vinha de Paris, minto, Belo Horizonte, e embarcara com destino à cidade de Imperatriz, mas saltou em Porangatu, fugindo de si mesmo ou do poeta ressurrecto. Aí é que o poeta nosso falseia, faz negações com o corpo, quer, coitado, fazer-me acreditar que sobreviveu e que firme está e poetando. Mas não está. Esteve. Já foi. Poetar não poeta mais.

O Homem Que Não Fedia matou-o sob asfixia tenaz, removeram o corpo do avião e o depuseram, ao comprido, à margem da estrada. Alguém acendeu uma vela, para iluminar-lhe o caminho. Logo apareceu um lençol, o corpo cobriram, ficando os sapatos de fora. Ao lado viu-se o cachimbo que pitou durante a travessia pelos céus?, pelos mares?, pelos descampados? O cachimbo foi confundido por mauser. O poeta empurrava fumo na panela e acreditou o doudo que metesse balas no pente. Pessoas acercaram-se. Pessoas acercam-se de defuntos, gostam, devem gostar, delicias-se, já surpreendi pessoas sorrindo e álacres, parece que o defunto, inerte, é a impossibilidade do revide, pode cuspir-se num morto que ele não levanta a mão para a bofetada, pode-se mijar no morto, chamar o morto de filho da puta, de escroto, fazer cócegas no pé do defunto que o pé não se retrai, o morto é morto, não se ergue para ripostar uma agressão, Augusto, embora, claro, calmo passeie, transite, como passeia e transita o Poeta Max Martins. Mas não fala, escreve cartas e poemas até, que o vento leva, o papel some, como sumiu a carta que ontem recebi, a

tinta evaporou, o papel desintegrou-se.

O comandante da aeronave, até que chegasse a polícia, era a autoridade maior no local. Impaciente estava, queria retornar ao voo, porém tinha tarefas a atender. Retirou da sacola de couro que o poeta costumava carregar ao ombro, a carteira de identidade: MAX DA ROCHA MARTINS. Profissão: Poeta. Idade: 22 anos. As olheiras do retrato acentuavam-se na antemanhã, mais noite ainda, que o sol tardava. As olheiras, os sulcos no rosto, as negras sobrancelhas sem uma cã despertavam interesse às mulheres, orelhas de longo. Foi a mecha clara despenteada que eriçou formigamentos sexuais na inglesa vizinha de poltrona na Lufthansa e logo lhe agarrou com firmes dedos o nariz imperativo, como se na mão empolgasse o que prementemente desejava, não aquele apêndice mas o outro, oculto e jazido por baixo dos cobertores de lã: onde ganhava alentos e o chão escarvava como um touro andaluz.

— 22 anos? — falou mulher do povo — mas com essa idade já mijava tão fraco? A próstata, meu Deus, inflamada? Jatinho de três pernas?

As perguntas sem resposta ficaram, uns instantes no ar permaneceram e em seguida sumiram nas águas do rio Porangatu. O capitão-de-longo-curso impacientava-se, queria de novo pôr as caldeiras a funcionar, mas há regulamentos a observar, o Livro de Bordo!, não se deixa cadáver assim sem providências médico-legais, e cadáver de um poeta, de bubúia em frias águas na fria madrugada que custava a amanhecer. O Poeta Max Martins havia sido assassinado por um doudo. Soube-se depois que se tratava de funcionário da Coca-cola em Quatipuru, mais conhecido por “Gambá”, que certa feita acertou com pedrada menino do grupo escolar que o chamou bem de perto: “Seu Gambá!” Foi quando apanhou a pedra e atingiu a testa do garoto, que o sangue melou a cara, bobagem do garoto, imprudência dele, chamar o “Gambá” de gambá e de tão perto, que só de longe é que os outros chamavam, e corriam, disparavam, que “Gambá” não conseguia agarrar nenhum. Ele escutou o Poeta Max Martins cochichar com o vizinho, paraibano de Campina Grande, sobre o cheiro vindo de trás, riram, o poeta fez um calembur com fedo e foda. O paraibano de Campina Grande riu mas não entendeu. Então o Homem Que Fedia entrou valente: “Fedo, é? Estás me chamando de gambá, é? Pois toma!” E tacou a mão na boca do poeta, trancando-a para o último verso que justo pensara e ia dizer, e fechou-lhe o nariz. Nunca

mais o Poeta Max Martins cheiraria cheiros maus e aromas de coxas impregnadas do sal chegado na garupa do vento que vem das Ilhas Cagaras, passando pelo Country e invadindo as janelas dos apartamentos a montante da Rua Prudente de Moraes. Nunca mais o Poeta Max Martins aspiraria o que quer que fosse, como, por exemplo, as galinhas que falam inglês, golpeadas pelo cozinheiro no seu máximo instante de gáudio e afogadas em molho *curry*.

Claro, não vou isso dizer ao bom Amigo e bom Poeta Max Martins, que supõe que me ilude: “cheguei de viagem”, quando não chegou. Que esteve na Estrela⁶. Pode ter ido até. Mas ninguém o viu, ninguém mais o vê, o Poeta Max Martins tenta grudar-se à pele, dela não quer desprender-se, teima, recalcitra, quer fazer-me acreditar que a morte ele driblou com o corpo maneiro, o que raros conseguem, mas ele, não, que tudo rápido se operou, a mão vedando-lhe o ar, ar novo não mais entrando, e o que circulava, sujo de tabaco, entranhou-se nas cavernas pulmonares, perdeu-se na esponja enferma, um pouco só do ar doente tornou em bafo curto, o corpo já inerte. “Mas ele escreveu-te!”, haverá quem pretenda confundir-me. “Escreveu-me”, direi com a paciência das pessoas calmas. Escreveu-me, sim. Tenho a carta aqui no bolso, já li e até reli, mais bilhete, podem extrair fotocópias, podem que eu indulgente sorrio: as fotocópias sumirão de alguma forma, entre papéis, perdidas em páginas de livros, ou simplesmente evaporadas. Mas a carta, cartas não querem dizer nada de nada, nada mesmo. Cartas falsificam-se, embora essa não, não falsificaram, escreveu-a e pôs o nome por baixo o Poeta Max Martins, o que não quer dizer que continue a respirar e fumar seus dezoito mil cruzeiros mensais de cigarros⁷, que não fumará, nunca mais, meríssimo arranhão nos lucros da multinacional, que mata tapando a boca e tampando o nariz, o tabagista quer respirar e não consegue, a asfixia mata-o. Ora, carta!, que cartas querem dizer? O Poeta Max Martins escreveu-me. Claro. Escreveu-me. E aonde deseja chegar-se? Escreveu. De defuntos recebo regular correspondência, selada na tarifa certa, postada no lugar onde sói ser, Augusto. Apenas não respondo porque não sei, isso não sei, para aonde resposta despachar. Chegam-me cartas de pessoas defuntas há muito, muito, ponha-se tempo! Este, o meu mais recente morto, o Poeta Max Martins. É bem possível que ainda se suponha na SUCAM, mas a SUCAM até já lhe proveu a vaga, que vagas provem-se logo-logo, a

6— Nome da travessa onde se encontra a residência de Benedito e Maria Sylvia Nunes, em Belém.

7— Nova alusão aos “dezoito mil cruzeiros de cigarros”, que era como Max contabilizava os cigarros consumidos por mês — através dos custos, o que impressionara H.M. Seriam, aproximadamente, três a quatro maços diários.

pensão processa-se, os atrasados botam-se na conta da viúva no Banco do Brasil. Tudo foi tão rápido, que ele pensa que desembarcou no Aeroporto Internacional de Belém-de-Goiás, de possante trirreator da British Caledonian, após jantar a mulher do irlandês ao molho *curry*, que a inglesa desembarcou, as coxas ofendidas de medonhos ataques pélvicos, dos quais ninguém sabe como foi capaz o Poeta Max Martins, nas apertadas circunstâncias, acumpliciado à penumbra, claro, mas impertinentemente apoquentado com as regulares passagens de um dos trinta e nove comissários de bordo, já entretanto acostumado a esse gênero de recreação dos senhores passageiros, o que infrequente não é nos voos internacionais.

2-10-82

AGE DE CARVALHO

Sobre o conto inédito “Viagem do Poeta Max Martins”, de Haroldo Maranhão



Á TRINTA E SETE ANOS TENHO GUARDADA uma cópia desse conto inédito de Haroldo Maranhão. Aliás, foram três as cópias que Haroldo distribuiu entre amigos (os outros dois contemplados foram Benedito Nunes e Max Martins), como já fizera pouco tempo antes com os então inéditos poemas eróticos de Drummond — um segredo e uma sensação naquele momento —, conseguidos diretamente com o poeta mineiro e generosamente compartilhados conosco.

Há dois episódios centrais nesse conto, ambos tirados de experiências vividas por nós quatro — Haroldo, Benedito, Max e eu —, com os fatos manipulados ao sabor do autor e transformados magistralmente em matéria ficcional, cuja leitura está destinada à intermitente interrupção — e tudo por obra do refinado e corrosivo humor haroldiano, de várias escalas e níveis, indo do riso ruborizado à gargalhada mais estraçalhada e humilhante.

Segue-se abaixo o que há de fato na realidade maior da ficção do grande HM, subsídios de bastidores dessa narrativa *à clef*, e só até onde sei.

NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1980, retornando do Rio de Janeiro em viagem noturna de ônibus*, Max foi despertado no meio da madrugada pelo ocupante da poltrona de trás, que afirmava aos brados ter sido insultado pelo poeta: este teria-lhe dito que fedia!

* Numa versão anterior deste texto, constava, erroneamente, que a viagem teria sido para Carajás, no Pará.

O homem eximia-se de culpas por feder, tudo se devia a um medicamento que tomava, explicava, daí o fétido odor que exalava do corpo. Max, atônito e tentando compreender o que se passava, defendeu-se, negando ter falado o que quer que fosse — cochilava, isso sim. Passado o incidente e acalmados os ânimos, o ônibus voltou a dormir. Não durou muito. O homem voltaria à carga, desta vez com um revólver em punho e ameaçando o poeta, convencido de que este planejava matá-lo! Que parassem o veículo, queria saltar imediatamente, sua vida corria perigo. O ônibus estacionou no meio da estrada erma àquela hora da madrugada e o homem realmente se escafedeu para dentro da escuridão da floresta, não retornando mais, frustradas todas as buscas voluntárias feitas por alguns dos passageiros. O homem ficou para trás, o ônibus retornou à sua rota e o caso encerrou-se aí.

Max contou-nos essa história logo após ter retornado de viagem, numa noite de sábado na casa de Benedito e Maria Sylvia Nunes, na Travessa da Estrella, em Belém, cujo endereço também é brevemente aventado no conto. Já não lembro se Haroldo estava presente à reunião ou se tomou conhecimento da história através de carta do Max, o que parece mais plausível — pelo menos, é o que a parte final do conto leva-nos a crer.

EM 1982, ESTÁVAMOS OS QUATRO NO RIO: Haroldo vivia na cidade já há anos; Benedito passava por lá, numa das inúmeras viagens para dar palestras pelo Brasil afora (à época, chamava-se a si próprio de “caixeiro-viajante da literatura”); Max viera para lançarmos o nosso livro *A fala entre parêntesis* numa livraria da cidade e fazermos uma leitura na Oficina Literária Afrânio Coutinho, em Ipanema; e eu, que há meses tentava fincar pé na cidade, vivendo pela primeira vez fora de Belém e com planos de por lá ficar, tudo dependendo de arranjar trabalho e sustento. Eu morava num apartamento bem situado em Ipanema, na rua Prudente de Moraes, bem em frente ao Country Clube carioca, hospedado por uma amiga de minha namorada daquele tempo, Mônica Nicolau da Costa.

Com todos no Rio naquele momento, Haroldo propôs um jantar no restaurante “Lord Jim”, um *pub* ipanemense na rua Paul Redfern que servia cozinha britânica e que já não existe. Chovia demais nessa noite. Mônica me acompanhava, única mulher à mesa. Haroldo, que já conhecia o restaurante, sugeriu pedirmos um dos pratos que vinham acompanhados de molho *curry* inglês. Não lembro se acedi à sugestão, mas dela lembro vinda veementemente do Haroldo aos presentes. Enquanto esperávamos que servissem, Max anunciou uma ida ao toailete, ao que Haroldo prontamente aderiu: “Vou contigo!” Foram. Não se passaram nem dois minutos e já voltava o Max, irritadíssimo, ainda vexado e, sentado ao meu lado, me cochicou: “Não consegui mijar! O Haroldo me observava,

perguntando se o meu jato *também* saía bifurcado!” No conto, Haroldo inverte os papéis, claro está, bandalheira dele, fino nas coisas do humor e de um estilo inconfundível, único na literatura brasileira, como se pudesse haver um Machado picaresco, bruxo do escárnio e da zombaria, algumas vezes maldosa (que não é o caso nesse conto), mas que era ele, inteiro ele, o muito que era, o duplo do duplo de HM, o grande escritor, trezentos que foi e é, rebelde ao tempo e à morte.

Lemos a cópia desse conto pela primeira vez na Estrella, provavelmente num dos muitos sábados de encontros por lá, no gabinete do Benedito, antes de sair o jantar, e nos esbaldávamos de rir, o Max inclusive, sábio que era, admirando ali, mais uma vez, a grandeza do amigo sardônico e mordaz, mas amigo sempre, desde o começo de tudo, adolescentes, na iniciante *Academia dos Novos*. Via-o passeando à vontade na língua portuguesa como poucos e reconhecia no estupendo conto de que era personagem o que havia de poder e controle absoluto de uma linguagem depuradíssima, popular e de alta sofisticação em igual medida, matéria da melhor literatura desde sempre e, hoje, também da saudade de um tempo em que podíamos sentar, todos, à mesma mesa.

Viena, novembro de 2019

HAROLDO MARANHÃO
Álbum de fotografias*



Haroldo, ainda menino,
na redação do jornal
A Folha do Norte:
ACIMA, recostado ao pé
da coluna, e ABAIXO é o
primeiro da fila, à direita.
Belém, década de 1930.

* O presente material
iconográfico foi-nos
gentilmente cedido pelo
herdeiro do escritor,
Haroldo Paulo de Souza
Maranhão.



Quatro momentos na vida de um duplo: HM.



Haroldo na década de 1970: de barba.





ACIMA, rapazes, Haroldo e o grande amigo Benedito Nunes nos passados anos 40, em Belém. AO LADO, entre Rubem Braga e Fernando Sabino.



Haroldo (ESQ.) e o mestre de toda uma geração, Francisco Paulo Mendes (DIR.), na década de 1940.



Haroldo Maranhão, 1927-2004

BIBLIOGRAFIA

Obra completa: livros publicados e inéditos de Haroldo Maranhão

CONTOS

- A Estranha Xícara (1968).
Chapéu de Três Bicos (1975).
Vôo de Galinha (1978).
A Morte de Haroldo Maranhão (1981, *Prêmio da União Brasileira de Escritores/SP de 1981*).
As Peles Frias (1982, *Prêmio do Instituto Nacional do Livro de 1981*).
Flauta de Bambu (1983, *Prêmio MOBRAL de Crônicas e Contos de 1979*).
Jogos Infantis (1986).
O Nariz Curvo (2001).
Feias Quase Cabeludas (2005, *Coletânea Benedito Nunes*).

ROMANCES

- O Tetranelo del-Rei (1982, *Prêmio Guimarães Rosa 1980 e Hors Concours do Prêmio Fernando Chinaglia 1981*).
Os Anões (1983, *Prêmio José Lins do Rêgo 1982*).
A Porta Mágica (1983, *Prêmio Vértice de Literatura 1983, Coimbra, Portugal*).
Rio de Raivas (1987, *Indicação para o Prêmio Jabuti*).
Cabelos no Coração (1990).
Memorial do Fim (A Morte de Machado de Assis) (1991).

DIÁRIO

- Senhoras & Senhores (1989).

NOVELA

- Miguel Miguel (1993).

INFANTO-JUVENIS

- Dicionarinho Maluco (1984).
O Começo da Cuca (1985).
Quem Roubou o Bisão? (1986).
A Árvore é uma Vaca (1986).

DICIONÁRIO

- Dicionário de Futebol (1998).

CORRESPONDÊNCIA

- Querido Ivan (1998).

ANTOLOGIA

- Pará, Capital: Belém — Memória & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade (2000).

INFANTIS

- A Sala que não era Doidal.
Como eu Pirei o Theodoro.
A Menina Amarela.
O Sol é Azul.
O Menino Que Comia Letras.

INÉDITOS

Guerrilheiros de Vento
(*Romance para jovens*).
As Carnes Quebradas (*Tragicomédia Brasileira em 13 Cenas, Prêmio Nelson Rodrigues no XV Concurso Nacional de Dramaturgia do INACEN. 1986, Menção Honrosa*).
A Mais Formosa Que Deus (*Contos*).
O Menino Que Comia Letras (*Infantil*).
Sua Excelência (*Romance*).
Suíte Policial
A respiração das Palavras (*Contos*)
O Rei de Papel — Diário de um Escritor

CONTOS FIGURANTES EM ANTOLOGIAS

“Cortininha de filó” (*conto, in Ritos de Passagem de Nossa Infância e Adolescência, org. de Fanny Abramovich, Summus, São Paulo, 1985*).
“A Curta Felicidade do Senhor Desembargador”, “O Velho e as suas Moedas”, “As Austríacas”, “Por causa se um Cofre”, “Feias, Quse Cabeludas”, “Um Paraibano no Rio”, “Amor na Tarde”, “O Neto do Imperador”, “O Asseado”, “Homem Nu em Manaus”, “O Poeta às 6 da Tarde” (*histórias curtas, in Moderní Brazílská a Portugalská Próza, II., antologia de Zdenek Hampl, Universidade Karlova, Praga, Tchecoslováquia, 1969*).